



AMOR LÍQUIDO: SOBRE A FRAGILIDADE DOS LAÇOS HUMANOS

Adriana Torquato Resende*

Bauman, sociólogo nascido na Polônia em 1925, afirma que vivemos numa sociedade líquida, caracterizada pela "incerteza em relação ao futuro, fragilidade da posição social e insegurança existencial" (BAUMAN, 2004, p. 132). Segundo ele, essa insegurança é alimentada pela instabilidade do mercado de trabalho, pelas mudanças constantes do valor atribuído às posições sociais e às competências do passado, pela inconsistência dos compromissos e das parcerias.

Para o autor, a "líquida, consumista e individualizada sociedade moderna" (BAUMAN, 2004, p. 87) produz grandes dificuldades de relacionamento entre os parceiros, os familiares e as pessoas em geral. No prefácio, ele destaca a figura do "homem sem vínculos", principal característica das pessoas em nossa época.

Na modernidade líquida, as pessoas se sentem desligadas umas das outras e, assim, desejam conectar-se. Contudo, as conexões não têm garantia de permanência, e podem mudar ou ser desfeitas a qualquer momento e por diversas vezes.

O objeto de estudo desta obra é a fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança resultante disso e o dilema entre estreitar os laços e, ao mesmo tempo, manter uma distância considerada conveniente.

O autor afirma que muitos buscam o que ele chama de "relacionamentos de bolso", que podem ser usados quando necessário e depois podem ser guardados e usados novamente. As pessoas preferem usar o termo "conectar-se", em vez de "relacionar-se"; no lugar de "parcerias" preferem falar em "redes".

A palavra "rede" sugere momentos nos quais "se está em contato" intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento "indesejável, mas impossível de romper" é o que torna "relacionar-se a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar". Mas uma "conexão indesejável"

* Mestre em Teologia com concentração em Educação Cristã pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela UPM.

é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las (BAUMAN, 2004, p. 12).

Segundo o sociólogo, os relacionamentos virtuais são facilmente rompidos, em contraste com o que ele chama de relacionamentos reais. Contudo, Castells (1999, p. 445-446) afirma que as comunidades virtuais não são necessariamente irreais, mas funcionam em outro plano da realidade. Embora estabeleçam laços fracos, podem gerar reciprocidade e apoio.

O Capítulo 1 discorre sobre o amor e a morte como eventos distintos, mas similares, pois ambos são inevitáveis e nunca se sabe quando chegarão. Para ele, o amor é tão atemorizante quanto a morte.

Nossa cultura consumista dá preferência ao produto pronto para uso imediato, ao prazer intenso e passageiro e à satisfação instantânea. O amor, ao contrário, exige esforços prolongados. Amor e desejo são irmãos gêmeos, mas não idênticos. O desejo consome, devora e aniquila. O amor preserva, aprisiona e possui.

O autor observa que os consumidores hoje não compram somente para satisfazer uma necessidade ou desejo, mas geralmente compram por impulso. No caso dos relacionamentos sexuais, seguir os impulsos significa estar sempre aberto a novas experiências com outras pessoas.

Esse capítulo traz uma analogia entre relacionamento e investimento. Ambos exigem tempo, dinheiro e esforços. Espera-se obter lucros. No caso do relacionamento, o lucro pretendido configura-se em segurança, proximidade, ajuda, companhia, consolo e apoio. Contudo, o autor ressalta que nesse tipo de investimento não é possível ter certeza de se ter feito um bom negócio. É praticamente inevitável enfrentar a insegurança e a ansiedade.

Há parceiros que preferem simplesmente viver juntos, sem os compromissos oficiais do casamento. Há também os Casais Semiseparados (CSS), que vivem um casamento em tempo parcial: cada um tem sua casa, sua conta bancária e seu círculo de amigos. Eles só ficam juntos quando sentem vontade. Bauman coloca que essas são algumas tentativas de se satisfazer, ao mesmo tempo, o impulso de liberdade e a ânsia por pertencimento.

O Capítulo 2 fala do *homo sexualis*, afirmando que a cultura nasceu do encontro dos sexos. Citando o sexólogo Volkmar Sigusch, coloca que a *ars erotica* perdeu espaço para a *scientia sexualis*. Isso significa que o sexo deve ser algo racional e desprovido de ilusão. As pessoas se tornaram objeto de investigação científica. Na verdade, ocorreu uma separação entre sexo e reprodução, sendo que esta última tornou-se responsabilidade da ciência médica. Os filhos podem ser planejados e "produzidos" conforme as necessidades, impulsos e desejos de seus pais "clientes". Em nossa época, "um filho é, acima de tudo, um objeto de consumo emocional" (BAUMAN, 2004, p. 59). Contudo, trata-se de um investimento de alto risco, pois nem todos os custos são monetários e, assim, não podem ser calculados ou medidos.

A modernidade líquida é marcada pelo consumismo, que exige velocidade, leveza e obsolescência. O que importa, de fato, não é acumular bens, mas usá-los e descartá-los para que se possam adquirir outros.

Na sociedade de hoje os impulsos não são reprimidos como nos tempos de Freud. Ao contrário, são estimulados de tal forma que o consumismo não se limita aos bens, mas se estende também ao outro. Mesmo com essa inversão de valores, a constatação freudiana de que "o programa do princípio do prazer não pode ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias" (FREUD, 1996, p. 84) ainda parece atual.

O celular é um acessório indispensável na modernidade líquida. Feito para pessoas em movimento, com ele é possível estar sempre conectado: "estando com seu celular, você nunca está fora ou longe; encontra-se sempre dentro, mas jamais trancado em um lugar" (BAUMAN, 2004, p. 78). Os celulares permitem proximidade sem contiguidade física.

O namoro pela internet é outro aspecto abordado pelo autor. As vantagens desse tipo de relacionamento são a segurança e a falta de compromisso. O contato pode ser deletado a qualquer instante sem maiores consequências. Além disso, a "oferta" é grande e é possível escolher o "produto" que seja mais agradável.

O autor também fala da "economia moral" que, segundo A. H. Halsey, trata-se do compartilhamento de bens e serviços, da ajuda mútua e da cooperação entre familiares, vizinhos e amigos. Ela funciona como uma válvula de escape para as pressões do mercado não se tornarem absolutas e incontroláveis.

Segundo Bauman, há uma guerra do mercado contra essa "economia moral". O *homo economicus* precisa manter a economia em movimento. O *homo consumens* faz da compra a sua terapia e a busca pelas melhores ofertas a cura para a sua solidão. Nesse contexto, a solidariedade, a amizade e as parcerias são vistas como atitudes anárquicas contra a tirania do mercado. As *communitas*, lócus da economia moral, são invadidas pelas forças do mercado e esse fator é a maior ameaça ao convívio humano pacífico.

O Capítulo 3 trata da dificuldade de amar o próximo. Explica que a tendência do homem moderno é tentar obter lucro e levar vantagem em todos os seus investimentos. Assim, concordando com Freud (1996), Bauman coloca que o mandamento de "amar ao próximo como a si mesmo" não pode ser considerado como algo razoável. O amor-próprio, condição para que se obedeça ao preceito, depende do amor que recebemos dos outros. Segundo o autor, o que amamos é a possibilidade de sermos dignos de amor. Contudo, considerando o mandamento impraticável, como será possível desenvolver a solidariedade, a justiça e o convívio pacífico que Bauman e tantos outros autores consideram a única saída para a humanidade?

Programas de TV como Big Brother Brasil, por exemplo, trazem a mensagem de que ninguém é indispensável. Os outros devem ser superados e descartados; são, antes de mais nada, competidores a serem derrotados a qualquer custo.

Os espaços urbanos privilegiados utilizados pela elite global produziram uma nova extra-territorialidade e o ciberespaço tornou-se o lar genuíno das pessoas que têm o privilégio da conectividade.

As forças da globalização dissolvem o mundo pessoal e os sujeitos procuram agarrar-se a si mesmos. Tudo isso produz uma luta por sentido e identidade. Surgem as tendências segregacionistas. O autor cita, como exemplo, a cidade de São Paulo, na qual, como em tantas outras, se verifica a presença dos condomínios, fechados e protegidos, um dos símbolos da atual mixofobia (medo ou aversão ao diferente).

A vida urbana, ao mesmo tempo, atrai e repele. A sensação de insegurança estimula a mixofobia. Parece quase impossível erradicar a insegurança existencial resultante da fluidez dos mercados de trabalho e da fragilidade dos laços humanos.

Bauman enfatiza que não há soluções locais para problemas gerados globalmente. A nova situação global trouxe transformações profundas na condição humana e levará tempo para que seja assimilada e confrontada de maneira efetiva.

O último capítulo trata da xenofobia e da crescente preocupação com a segurança na sociedade moderna. O autor aborda o problema da imigração nos Estados Unidos. Ele ressalta que o desprezo aos imigrantes é um ataque ao cerne da identidade norte-americana, que tem na imigração um dos seus pilares.

Bauman denuncia a produção de lixo humano pela modernidade. A produção e reprodução da ordem social e o progresso econômico são as principais causas da seleção, do descarte e da exclusão das pessoas que não se adaptam à nova ordem social. Há um acúmulo de lixo humano no planeta e faltam aterros sanitários para os excedentes humanos. O atentado aos Estados Unidos em 11 de setembro desencadeou uma grave conjuntura que está ligada ao tratamento do lixo humano.

O Estado moderno produziu também "pessoas sem Estado". O poder resultou no direito de exclusão, trazendo à existência o *homo sacer* (AGAMBEN, 2002), matável, mas insacrificável; o homem que se torna apenas um número, o trabalhador explorado que pode ser facilmente substituído. O "Estado de direito" transformou-se em "Estado-nação" e produziu a tríade constituída de território, Estado e nação.

A elite global contrasta com os refugiados, cuja localização é "permanentemente temporária": ocupam fisicamente um determinado espaço, mas não pertencem a ele. A permanência da transitoriedade, a nudez social e a imaginada comunidade global são fatores com os quais as pessoas se defrontam diariamente.

Bauman finaliza esse capítulo afirmando que o único consolo diante da realidade sombria da modernidade líquida é a constatação de que a história ainda não terminou e que escolhas ainda podem ser feitas. Ele adverte que é preciso trabalhar para promover o diálogo e a abertura ao outro, no sentido de aproximar a história do ideal de comunidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De que modo a problemática da modernidade líquida, postulada por Bauman, se reflete nas questões educacionais?

De acordo com Tardif e Lessard (2007, p. 7, 11), "instruir é uma atividade social" e "a docência é um trabalho de interações, um trabalho sobre e com o outro". Como ficam essas interações diante das incertezas, do consumismo, da insegurança existencial e da fragilidade dos laços humanos?

As tensões sofridas pelos professores como profissionais da educação afetam o processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula? De que modo? Existiria uma biopolítica educacional, por meio da qual se decide quem vai aprender e quem não vai?

Conectar-se é para máquinas. Corpos humanos se relacionam e se unem. Identificar os agentes liquidificadores das relações humanas e não se limitar a eles talvez seja um começo possível.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Homo sacer*. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras psicológicas completas da edição Standard Brasileira).

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente*: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.